



A REALIDADE COMO MÍDIA

Thiago Berzoini¹

Resumo: Este ensaio apresenta reflexões sobre os aspectos de intermedialidade, visando destacar a percepção da realidade como uma possibilidade de suporte com aspectos midiáticos. Para a elaboração deste trabalho, foram levadas em consideração as definições de mídias - segundo o pensamento de McLuhan -, o conceito de intermedialidade - consultando textos de Irina Rajewsky, Jürgen E. Müller e Dick Higgins - e realidade - conforme Descartes, Hegel e Heidegger -, para que, através de uma revisão dos conceitos, seja possível entender se a realidade pode se caracterizar como uma mídia.

Palavras-Chave: Intermidialidade, Realidade, Mídias.

I

No ano de 2021, tive a oportunidade de participar do I Encontro de Pesquisadores em Intermidialidade, promovido pelo Grupo de Pesquisa Intermídia (CNPq), coordenado pela Profa. Thaïs Diniz, da UFMG, e pelo GT Intermidialidade: Literaturas, Artes e Mídias (Anpoll), em parceria com os Programas de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal de São João Del Rey.

Segundo a própria organização do evento, o encontro tinha como objetivo “reunir pesquisadores da Intermidialidade do Brasil e de outros países convidados para compartilharem suas perspectivas de pesquisa em torno da Intermidialidade”². Esse objetivo pode ser considerado muito bem realizado, com louvor. Foram dias onde

¹ Graduado em Artes (IAD-UFJF), especialista em Artes, Cultura Visual e Comunicação (IAD/FACOM-UFJF), mestre em Comunicação (FACOM-UFJF), doutorando em Estudos Literários (PPG-Letras – UFJF), professor de História das Artes e Estética no Centro Universitário Academia, líder dos grupos de pesquisa “Cidade, memória e interatividade” (UniAcademia) e “Design e Intermidialidade: cultura visual e narrativas” (UniAcademia). thiagoberzoini@uniacademia.edu.br

² Outras informações sobre o evento podem ser obtidas através do site: <https://www.unisc.br/site/coloquio2021/index.html>

conversas e trocas aconteceram apresentando as possibilidades, os dilemas, o possível futuro das pesquisas em Intermidialidade.

Estiveram presentes personalidades ilustres do Brasil e do mundo, como a professora Thais Diniz, Irina Rajewski, Brunilda Reichman, para citar somente alguns (àqueles não citados, não se ressintam: sintam-se representados nestes nomes que, assim como a mim, acredito, inspiram a todos e todas).

Fazia algum tempo em que eu pensava em escrever este ensaio. Todavia, eu me colocava diversos obstáculos, mas o evento ajudou para que eu conseguisse colocar a escrita em curso e, em um recorte, necessário para apresentar uma breve reflexão, trazer à discussão um tema nebuloso. Ao menos, assim o percebo. Quero tratar da posição da “Realidade” (Realität) frente às possibilidades da intermidialidade, frente ao que define o termo mídia (ou *médium*).

Mas gostaria de tecer essa reflexão iniciando pelo termo “mídia”. A discussão não é nova, outros passaram por ela, mas acredito ser um exercício de maior valor passar pelas definições e aberturas que o termo nos possibilita. Inclusive, deixando aparente o quão carregado de armadilhas da percepção o termo mídia pode ser – não é difícil nos depararmos com uma obra que apresenta discussões sobre o assunto que parecem datadas. Dessa forma, pensemos sobre as mídias.

II

O que é uma mídia? A resposta que parece mais auspiciosa é: Segundo qual autor? Partindo do pressuposto de Marshall McLuhan, em sua célebre obra “Os meios de comunicação como extensões do homem (*Understanding media: the extensions of man*)”, publicada no ano de 1964, mídia carrega um sentido amplo, que pode ser desde uma lâmpada ou dinheiro, chegando ao cinema e televisão.

No livro, também há a definição de mídias quentes e mídias frias, talvez um grande problema ao tentar deixar as mídias separadas sem levantar a possibilidade de que sejam transicionais entre esses estados – fato que gostaria de pontuar pela relevância, mas não há necessidade de aprofundamento.

Basta perceber que uma mídia pode ou não ter uma condição participativa diferente de acordo com seu tempo, com a evolução da tecnologia, entre outros

fatores. Ou seja, considero aqui que, sim, este ponto não deve ser levado a rigor e sim compreendido como algo que é fruto de sua época, a década de 1950/60.

“mídia carrega o sentido de materialização, de constituição de algum tipo de suporte por meio do qual a informação comunicada possa ser apreendida pelos indivíduos” (ROSSETI; GOULART, 2017, P.133).

Muito já se discutiu sobre a materialidade das mídias, e conforme Regina Rosseti e Estevão Goulart (2017) apontam de maneira sucinta e esclarecedora, Bergson e McLuhan se aproximam: “ao tratarem da materialidade, colocam-na como a extensão de algo, ou seja, como apenas uma parte e não como a totalidade” (ROSSETI, GOULART, 2017, p. 121).

Este fator se torna importante, e não há necessidade de aprofundar na abordagem feita de maneira clara pelos autores citados, mas a partir desta aproximação dos autores, sigo a linha do raciocínio de que a materialidade pode, atualmente, não ser o fator necessário à discussão sobre a virtualidade e sua presença através da internet, em plataformas como Youtube, Netflix, Amazon Prime, HBO Max, e tantas outras que surgem e surgirão em um futuro próximo. Nestes exemplos, na linguagem do cinema, os filmes são disponibilizados através da transmissão e do carregamento de dados, deixando em um plano de pouca visibilidade comercial e mercadológica, por exemplo, os DVDs e Blu-Ray, mídias físicas promissoras no início dos anos 2000.

Veza ou outra, notícias surgem apontando o retorno dos DVDs, mas ainda há de se aguardar a passagem do tempo e as relações entre a tecnologia e a sociedade para atestarmos se, de fato, esse retorno se fará viável.

O que vale a pena notar, retornando nossa visita a McLuhan, é o fato de o autor dizer que uma nova mídia carrega características do meio anterior. E não é preciso um pensamento complexo para entender, atualmente, tal raciocínio: a internet carrega características do jornalismo, do cinema, da música, da telefonia. Em resumo, a abordagem de McLuhan deve ser, ainda hoje, considerada, embora seja necessário entendê-la como uma abordagem reducionista dos conceitos midiáticos.

Existem críticos como Régis Debray, com seus estudos sobre *mediologia* – que não trata dos estudos das mídias propriamente ditas, mas das possibilidades de significado através da comunicação pelas mídias (DEBRAY, 2001). E se há o

entendimento de uma necessidade de “revisão” da concepção de McLuhan sobre o conceito de mídias, qual seria o motivo de iniciar a reflexão através deste autor? O fato de o autor apresentar elementos mundanos, do cotidiano, como uma mídia. E o fato de que ele apresenta as condições em que tais objetos criam atmosferas, ambientes, por sua mera presença, como o caso da lâmpada, e através de cada atmosfera está proporcionado um meio.

E penso que, apesar das atenções as discussões sobre materialidade das mídias, seria importante entendê-las como objetos que permitam significação. E este, sim, é um pensamento eficaz frente à (r)evolução tecnológica – e essa linha de raciocínio se aproxima das ideias de Régis Debray. Deve se destacar que, para esta reflexão, é crucial perceber que mídia carrega as características de um processo de informação, comunicacional, de produção de significado (e, gostaria de complicar o raciocínio incluindo nesta pequena lista a fruição). Poderemos passar para outro assunto que tangencia as mídias: a intermedialidade.

III

Faz-se basilar o entendimento da intermedialidade como sendo um termo que é capaz de trazer uma carga bastante extensa de possibilidades em sua definição, mas que, conforme Irina Rajewski (2008) esclarece, refere-se às “relações entre mídias, às interações e interferências de cunho midiático (...)”. Dessa forma, “o cruzamento de fronteiras midiáticas vai constituir uma categoria fundadora da intermedialidade” (RAJEWSKI, 2021, p. 52).

Ainda de acordo com Irina Rajewski, em seu texto “Intermedialidade, intertextualidade e ‘remediação’ - uma perspectiva literária sobre mediação” (2012), existem subcategorias dentro do termo intermedialidade – entendido como um termo que abrange diversas maneiras de entendimento conceitual –, e em cada uma dessas subcategorias a autora desenvolve uma “teoria”. Rapidamente, exponho cada uma delas: a intermedialidade como transposição midiática; como combinação de mídias; como referências midiáticas.

A primeira – transposição midiática – é a que mais interessa para este ensaio. A classificação em questão compreende uma “categoria [que] é uma concepção de

intermedialidade ‘genética’, voltada para a produção; o texto ou o filme ‘originais’ são a ‘fonte’ do novo produto de mídia, cuja formação é baseada num processo de transformação específico da mídia e obrigatoriamente intermediário” (RAJEWSKI, 2012, p.24). O que Rajewski cita como “fonte” gosto de entender como “matriz midiática” (expressão que utilizei bastante quando focado nos estudos sobre narrativa transmídia ao longo de minha dissertação de mestrado).

Como bem pontua a professora da UFMG Thaïs Diniz Flores, tal “subdivisão associa-se particularmente às análises da intermedialidade nos campos de estudos literários e interartes, em que os fenômenos cobertos pelas três categorias constituem o foco da discussão” (FLORES, 20118, p. 50), deixando aberta a discussão de outras possibilidades de categorização do termo.

Porém, para a reflexão que este ensaio se propõe a fazer, a questão da transposição midiática delimita bem nosso escopo sobre intermedialidade, pois o que gostaria de trazer à tona é o aspecto de (trans)mediação, que pode ser estudado dentro do campo da intermedialidade. Entendamos mediação através da seguinte definição:

Mediação refere a operação em que um *medium*, algo situado no meio, une dois termos, duas realidades, que estão em estado de divisão e de oposição. Mediar é, por conseguinte, interpor alguma coisa para estabelecer uma unidade. Requer a diferença, a alteridade, uma oposição. A diferença é isso que é imediato e é a essa imediatez que a mediação se opõe (DOMINGUES, 2010, p.07).

Logo, a transmediação, esse algo situado no meio que atravessa as mídias, através da transposição (quero pensar na “matriz midiática”), pode trazer diferentes transposições para diferentes *media*. Consequentemente, entendo que cada mídia, cada suporte, tem suas especificidades – sem entrar na querela da materialidade – e traz aspectos fronteiriços. E ao pensar em fronteiras, pensamos em aspectos que denotam limites e possibilidades, de acordo com a operação efetuada no processo de (trans)mediação.

IV

A definição de realidade não é algo fácil de se obter, e ela apresenta, filosoficamente, diversas abordagens. Geralmente acoplada às reflexões sobre a existência, configura um tópico que não é algo fácil e que, com certeza, se tornará falho de alguma maneira. Mesmo assim, considero que o objetivo seja claro neste texto: entender e delimitar o que se compreende como realidade, ou melhor ainda, como a realidade vigente, para deixar o conceito ainda mais acessível ao pensamento.

Porém, não é possível seguir sem que sejam considerados alguns pensadores, com suas observações acerca da realidade. Para este trabalho, considere Heidegger, Hegel e Descartes. Acredito que seus pensamentos sirvam como elementos estruturantes para as delimitações necessárias deste ensaio, se pensarmos que para estes filósofos a realidade está condicionada à possibilidade de representação.

Para Heidegger, em seu livro “Ser e Tempo” (2009), pensar a realidade (e a existência³) é condicioná-la ao conceito de “ser”, mais especificamente a conceituação que o autor faz sobre o termo “*Dasein*” (ser-aí-no-mundo).

Destarte, vem à tona a compreensão de fenômenos acerca da mundanidade, considerando que essa compreensão acontece entre a realidade estruturante e circundante do ente e que o *Dasein* acontece durante sua relação com essa realidade circundante. É o ser que compreende sua existência enquanto se lança no mundo. Instigo o leitor a pensar no momento em que o ser se lança no mundo, mas observando-o, extraindo significados de sua materialidade, elaborando um processo de produção de significado através da materialidade observada, através da representação. E retomando Domingues:

Como expressa Serge Tisseron, a representação é um meio sustido por práticas simbólicas, constituindo-se “ele mesmo uma forma de simbolização”. A concepção representacional impele a compreender o papel das mediações simbólicas. A actividade humana é mediatizada por elas, desde as mais simples às mais complexas, elas correspondem-se com as formas de vida cultural. São os meios através dos quais cada sujeito se apropria da sua experiência do mundo “para a tornar intermutável”, defende Umberto Eco. (DOMINGUES,2010, p.17).

³ Este não é um elemento de atenção no momento, embora esteja em Heidegger e Hegel acompanhando de maneira muito intensa a ideia da realidade.

E ainda parece uma linha de pensamento confusa. E eu tento esclarecer de maneira objetiva o que pretendo ao retomar este autor: dizer que, logo, o ser-aí-no-mundo experiencia em sua vivência a mediação da realidade, que ocorre em seu intramundo, em sua mundanidade. Evocaria a palavra “existência”, porém mais uma vez seria complicar um raciocínio que já é complexo, mas deixo a pista para elocubrações futuras.

Proponho adiante que é, sim, possível que essa mediação ocorra de maneira intencional, e assim a experiência do “sendo” se torna uma experiência de matriz midiática, pois o “sendo” se torna um mundo do outro, com a inclinação daquilo que é observável (ainda que nunca deixe de “ser” no acontecente da existência). Afinal, em Heidegger, existência e realidade integram o “sendo”.

Mesmo, porém, essa ideia de existência [Existenzidee] [...] já abriga em si um determinado “conteúdo” ontológico [ontologischer “Gehalt”], se bem que não explícito, que, tanto quanto a ideia de realidade [Realität] que lhe é contraposta, “pressupõe” uma ideia de ser em geral. Apenas no horizonte desta pode-se realizar a distinção entre existência e realidade. Com efeito, ambas dizem ser. (HEIDEGGER, 2012, p. 314).

A realidade, quando observável, passa a ser fonte de um processo de comunicação. Imaginemos um documentário e suas possibilidades de representação, segundo Bill Nichols (2005), que podem ocorrer de três maneiras: o documentário oferece uma representação reconhecível do mundo; o documentário significa ou representa um interesse alheio (narratização da realidade, produção de significados); e, conseqüentemente, apresenta determinado “ponto de vista” (de acordo com os interesses de quem o produz).

Logo, temos já um exemplo de como a realidade não perde seu caráter de acontecente e se torna produto de mediação. O documentário possui como “fonte”, utilizando o termo de Rajewski, a realidade; logo, a realidade é a matriz midiática. A realidade funciona como mídia. Ainda se faz importante lembrarmos do termo intermedialidade como utilizado por Dick Higgins, que publica o texto “Intermídia” (1965), no qual, em determinado momento, diz que “(...) o *happening* se desenvolveu

como uma intermídia”. Por outro lado, se Higgins percebe assim, a definição de Allan Kaprow – outro nome de grande relevância para a arte, integrante do grupo FLUXUS - para os *happenings* (e *activities*) nos ajuda a perceber o papel da realidade como uma matriz de mídia. Afinal, para o artista, tal prática “é arte, mas parece mais perto da vida” (KAPROW, 1966, p. 05).

V

Se o raciocínio conseguiu ser bem construído, acredito que já seja possível atingir a reflexão fundamental que este ensaio pretende alcançar e encaminhar a escrita para um encerramento (com aberturas para debates futuros). Considerando, então, que o *dasein* – ser-aí-no-mundo –, através de sua observação, extrai elementos da realidade, extrai informação, e transforma-a em uma narrativa, a realidade pode ser entendida como uma mídia. Ela deixa de constituir um elemento condicionante da existência, do ser sendo, e passa a ser elemento de observação e extração de informação do ser-aí-no-mundo para que possa ser transmediada em um outro *medium*, cujos aspectos fronteiros trarão especificidades que determinarão o tom da narrativa e da construção de sentido de uma realidade ressignificada pela condução do(s) autores. Assim, não estão nos seus papéis de seres sendo na existência e por consequência na realidade, mas nos papéis de “*daseins*” observadores. Da realidade circundante da matéria, por conseguinte, retoma-se a reflexão de Rosseti e Goulart, de que a matéria não é mídia⁴, mas “que nela se transforma ao sustentar um processo de comunicação”. Agora a realidade, o espaço material, se forma através da observação (empirismo). O processo comunicativo – produções de significados – acontece. Logo, a realidade é uma mídia, percebida dentro dessas condições.

Portanto, quando nos deparamos com um documentário audiovisual, o documentário é uma transmediação da realidade que, observada, adotou o papel de uma *medium* para que pudesse estabelecer os processos para a narrativa transposta no audiovisual. O mesmo ocorre quando um livro narra determinado evento histórico,

⁴ A matéria em si não é mídia, mas nela se transforma ao sustentar um processo de comunicação, ao subsidiar o movimento da ideia, do pensamento interior do ser humano até sua percepção significada em um código presente na realidade física (ROSSETI, GOULART, 2010, p.133).

ou quando uma *graphic novel* (como algumas de Will Eisner) traz aspectos reconhecíveis de uma cidade como Nova York – um estudo com foco neste produto trará em uma publicação futura explicações acerca deste tema.

LA RÉALITÉ COMME MÉDIA

Résumé : Cet essai présente des réflexions sur les aspects de l'intermédialité, visant à mettre en évidence la perception de la réalité comme une possibilité de support ayant des aspects médiatiques. Pour la préparation de ce travail, ont été prises en considération les définitions des médias selon la pensée de McLuhan, le concept d'intermédialité, consulté dans des textes d'Irina Rajewsky, Jürgen E. Müller et Dick Higgins, et celui de réalité selon Descartes, Hegel et Heidegger, pour qu'il soit possible, à travers un examen de ces concepts, de comprendre si la réalité peut être caractérisée comme un média.

Mots-clés : Intermédialité, Réalité, Médias.

REFERÊNCIAS:

CLÜVER, Claus. Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos. *In: Literatura e Sociedade*: Revista de teoria literária e literatura comparada, v. 2, n. 2, p. 37-55, 04 dez. 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/lis/article/view/13267>. Acesso em: 20 set. 2019.

DEBRAY, Régis. *Introducción a la mediología*. Traducción Nuria Pujol i Vallis. Barcelona: Paidós Ibérica, 2001.

DOMINGUES, José Antônio. **O paradigma mediológico** – Debray depois de McLuhan. Covilhã: LABCOM, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução: Fausto Castilho. Campinas: Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

HIGGINS, Dick. Intermidialidade. Tradução de Amir Brito. *In: DINIZ, Thais Flores; VIEIRA, André Soares (orgs.). Intermidialidade e Estudos Interartes 2: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: Rona Editora, FALE/UFMG, 2012.

MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Rio de Janeiro: Cultrix, 1964.

MÜLLER, Jürgen E. Intermidialidade revisitada algumas reflexões sobre os princípios básicos desse conceito. Tradução: Anna Stegh Camati e Brunilda Reichman. *In: DINIZ, Thais Flores; VIEIRA, André Soares (orgs.). Intermidialidade e Estudos*

Interartes 2: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Rona Editora, FALE/UFMG, 2012.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas: Papyrus, 2005.

RAJEWSKI, Irina. A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade. Tradução: Isabella Santos Mundin. In: DINIZ, Thais Flores; VIEIRA, André Soares (orgs.).

Intermedialidade e Estudos Interartes 2: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Rona Editora, FALE/UFMG, 2012.

RAJEWSKI, Irina. Intermedialidade, intertextualidade e remediação - uma perspectiva literária sobre mediação. In: DINIZ, Thais Flores; VIEIRA, André Soares (orgs.).

Intermedialidade e Estudos Interartes: desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

RIBEIRO, Caroline Vasconcelos. A realidade como questão em Heidegger e Winnicott. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 95-128, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302005000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 07 dez. 2021.

ROSSETI, Regina; GOULATR, Elias Estevão. Materialidade da Comunicação da Mídia em Bergson e Mcluhan. In: **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo: UMESP, v.39, n.1, 2017.